

GUILHERME DE OCCAM

Occam, também denominado “Doctor invencibilis”, nasceu cerca de 1290 e faleceu em 1348, sendo o último dos grandes pensadores da escolástica. Como franciscano, combateu a opulência do papado de Avinhão.

Na obra *Brevilóquio sobre o Poder do Papa*, faz uma clara distinção entre o poder temporal e o espiritual, contestando a doutrina segundo a qual o papa seria detentor de um poder absoluto, transmitido directamente por Cristo.

Na *Suma de Toda a Lógica*, apresenta-nos a divisão entre o conhecimento racional e a fé. As verdades divinas deixam de ser objecto do conhecimento racional.

Escreveu ainda um *Comentário sobre as Sentenças de Pedro Lombardo*.

Nele, não há “casamento” possível entre a investigação filosófica e a verdade revelada. Sendo impossível investigar pela razão a verdade revelada, Occam anuncia o fim da escolástica. Isto não quer dizer, que tenha sido completamente destruída, feita tábua rasa, mas que se limitou apenas a influenciar com alguns dos seus conceitos os filósofos da modernidade, que nunca conseguiram libertar-se integralmente dos seus condicionamentos.

Tal como para Bacon, a experiência é a base de todo o conhecimento.

A fé não pode ser demonstrada, já que não temos qualquer conhecimento de Deus, assim como as provas da existência deste não têm qualquer valor – *só se conhece a essência do que se conhece a existência (e não temos o conhecimento intuitivo de Deus), e como não se conhece a sua existência, está-nos vedado o conhecimento da sua essência.*

Não estando demonstrada a existência de deus, não estão demonstrados quer os seus atributos, quer a sua imutabilidade.

A Trindade é um paradoxo. Uma única essência e três pessoas, é algo inconcebível para a razão natural.

Para Occam as Formas platónicas e os Universais aristotélicos, eram uma verdadeira aberração ou tolice, atenta a sua complexidade.

Põe em causa a física aristotélica da diversidade da natureza dos corpos celestes e dos sublunares. Depois de Occam, foi Nicolau de Cusa quem questionou a validade da doutrina aristotélica.

Deus pode realizar o que lhe aprouver. Daí, nada o impede de criar todos os mundos que bem entender, o que implica a possibilidade razoável de existência do infinito. Admite, pois, a pluralidade de mundos e do infinito. Considera provável a eternidade do mundo, mesmo tendo consciência de que esta implica a sua necessidade e exclui a criação.

Não é apenas pela fé que os homens se podem salvar, mas também pelo exercício de uma recta razão.

O pecado é a desconformidade da vontade e da acção do homem, relativamente às leis divinas.

A vida eterna consiste na presença e no gozo de Deus.

A Igreja é a livre comunidade de fiéis, e nem o papa nem o concílio têm a capacidade natural para estabelecer verdades de fé absolutamente indiscutíveis, podendo quer um quer o outro decair em heresia, que já não ocorrem no seio daquela comunidade.

Grosso modo, o famoso argumento conhecido como “navalha de Occam”, é a doutrina segundo a qual, quando nos deparamos com um determinado problema, e após minuciosa e diligente investigação, será a sua mais simples explicação, a verdadeira.

Estudo temático. Para um maior desenvolvimento e conhecimento de outros filósofos sobre os temas versados, ver neste site, www.homeoesp.org » Livros online » *Deus, Alma e Morte na História do Pensamento Ocidental*.

JOSÉ MARIA ALVES
WWW.HOMEOESP.ORG